

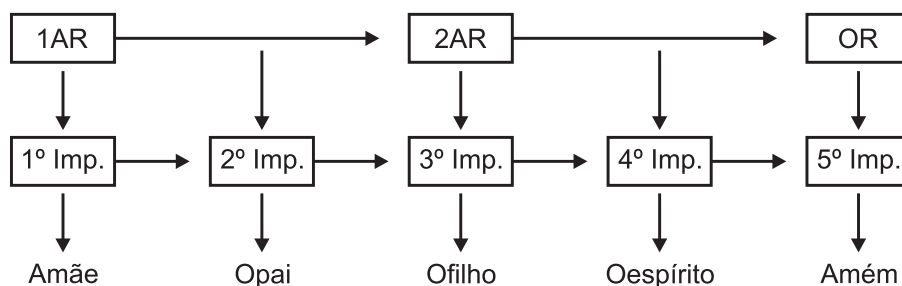
Resenha

Creodo Antrópico: Os Cinco Impérios

MD Magno

Texto retirado de “A Psicanálise, NovaMente”, originalmente publicado em:
DANTAS, Rosane Araujo; ALONSO, Aristides (orgs). *Pensamento Original
Made in Brazil*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1999. p. 204-208

Tenho tentado mostrar a universitários, além de a psicanalistas, que, das vistas da nossa psicanálise, o que se pode notar é uma sucessão de estádios – os quais chamamos de **Impérios** – que se escalonam como caminho obrigatório, isto é, se houver movimento, para esta nossa espécie malquete em seu modo próprio de existência, ao qual chamamos genericamente de *cultura*. Esses impérios, nossa psicanálise os extrai de sua experiência e de suas bases teóricas, a seguir, como um verdadeiro **creodo** (caminho necessário), nosso possível vetor de desenvolvimento, partindo do Primário para o Secundário, e daí para o Originário que especialmente nos qualifica. Sendo que devemos reconhecer definitivamente, que **nada obriga** nossa ascense (não temos nenhum imperativo kantiano), mas para ela estamos disponíveis.



Primeiro vem o **Império da Mãe** (que nomeio numa só palavra como AMÃE, o qual se confundiu por vezes com um “matriarcado” que na verdade jamais existiu) com sua referência facilmente comprovável à descendência carnal de nossa existência primária de animais, embora diferenciados. Imaginem vocês alguma suposta horda primitiva – que na verdade jamais deve ter existido, pois sempre houve alguma ordem social entre os homens. Ma ali certamente não havia nenhuma noção de paternidade, mesmo física. Assim, eram as mulheres, ou melhor, as mães, que constituíam a referência da eu-dade. Não que as mulheres governassem (certamente jamais houve nenhum matriarcado), mas as pessoas, de ambos os sexos, deviam viver e deslocar-se (pois o nomadismo devia

ser a regra) centradas nas mães (como acontece com os elefantes) enquanto centros de referência na organização do espaço e do movimento, nomeadoras dos indivíduos e organizadoras dos grupos. Como se vê, a **referência** era aí, então, estritamente **ao** que é do **Primário**.

Em **segundo** lugar vem o **Império do Pai** (que nomeio numa só palavra como OPAI), quando se inventa a paternidade reconhecível. Saber quem é a mãe pode ser fácil, bastando verificar e marcar ou atestar o nascimento. Outra coisa, bem mais difícil, é garantir a paternidade – isto é, muito antes do teste de DNA hoje possível. Digamos que aí aparece o verdadeiro pai do... filho da mãe, aquela do primeiro Império, nem que para isto tenhamos tido que inventar expedientes tão forçados quanto a vigilância contínua da fidelidade das mulheres e o apedrejamento das adúlteras como, por exemplo, sancionado pelo Velho Testamento judaico. Aí é que aparece a genial e revolucionária invenção do Pai, bem como de um Pai-do-céu, mas que é pai... de certo povo dileto – e não de todos os povos. Eis que a **referência** agora é a **passagem do Primário ao Secundário**.

Em **terceiro** lugar vem o **Império do Filho** (que nomeio numa só palavra como OFILHO). Como, por exemplo também, essa invenção de Jesus Cristo (“atire a primeira pedra...”), também genialmente revolucionando o judaísmo, quando a paternidade é passada diretamente para os céus aonde habita um Deus que já não é mais tão somente o pai de um certo povo, mas sim de qualquer um como de todos, mas com uma importante ressalva: de todos os que ouvem a Sua (Dele) palavra. Naturalmente que, como não O conseguimos escutar diretamente, são necessários os mediadores, é claro que arrolados por alguma instituição que se diz porta-voz e é aceita como tal e que, portanto, fala em Nome do Pai, já que não tem como pessoalmente apresentá-lo: digamos, certas Igrejas – e não necessariamente e confessadamente religiosas. E nós ainda restamos neste império – por mais que pareçamos os moderninhos ou mesmo pós-modernos que fingem ter ultrapassado a era dos atravessadores bem instalados. Aí, a **referência** é **estrita ao Secundário**.

Modernidade mesmo seria nossa entrada, de vez, no **quarto** Império, o **Império do Espírito** (que nomeio numa só palavra como OESPÍRITO), quando largássemos mão não só dos mediadores, aliás hoje em dia cada vez mais numerosos e diversificados, como da própria paternidade com sua paternalização indefectível – e acabássemos por reconhecer, de vez por todas, que é o nosso regime Secundário, simbólico, transcrito, linguageiro e subseqüentemente monetário, que dá sustentação, mesmo desde os tempos

de antanho, a todas essas manobras culturais que até agora temos aviado. E tomássemos então, de uma vez por todas, esse regime como a referência fundante e determinante de nossas maquinações culturais, as quais seriam, daí por diante, cada vez mais abstratas e generalizantes. Aí sim é que seríamos, todos, genericamente, sem menor discriminação por mãe ou pai ou palavra assentada, absolutamente agora “irmãos” definitivos, embora diferentes demais ou até mesmo contraditórios – e mesmo que continuássemos tendo mãe e pai e irmãos, carnais e históricos, nem que fosse por hábito. E nossa **referência** seria então a **passagem do Secundário ao Originário**.

Mas a verdade é que este Império ainda não se instala. Há lufadas do seu vento, de vez em quando e há algum tempo. Mas lufadas parciais ou regionais. E que justo por isto não prometem maior e mais firme assentamento. É este império que estamos adentrando, canhestros e desajeitados, ainda mal preparados e apegados ainda aos obsoletismos do mais recente passado. Ao mesmo tempo que, como nos mostra qualquer artigo ou livro atual sobre globalização e quejandos, o efeito primeiro dessas lufadas é a recrudescência de parciaridades: nacionalismos, regionalismos, confissões religiosas, credices e magias reentonadas, velhas moralidades reentronizadas. Enfim, os mais diversos e recalcitrantes fundamentalismos. Mas se tivermos a sorte, acabaremos por tomar cabal assentamento neste novo estádio – não antes ainda de nos desvencilharmos das amarras do Terceiro.

Deixemos sem pensar o – talvez ainda impensável – **Quinto Império?**: com sua estrita **referência ao Originário**, uma vez que, sem experimen-tarmos efetivamente o nosso Quarto, talvez nem saibamos conjecturar direito o que acaso virá depois do seu ocaso.

O capitalismo pleno (não o larvar, nem o selvagem) – não como ele agora ainda se apresenta – é uma das manifestações mais precisas e mais claras desse Quarto Império. Mas vive entretanto refreado pelas verdadeiras neuroses culturais das estases passadas. E não somente pelo empenho dos seus inimigos, mas principalmente pelo de seus maiores entusiastas. Assim é que as tempestades do capital – com seu particular “el niño” e sua “la niña” privada – sacodem e derrubam edifícios que pareciam bem sólidos e alagam e afogam nossos mercados, nossas praças e nossas economias. Mas sem que nada aconteça de mudança, em nossas culturas velhuscas de todos os dias, que as possa enfim tornar mais maleáveis, mais maneiras, mais jeitosas. E por isto capazes de rápida e eficaz resposta às intempéries que cada vez mais nos açulam e nos assolam – e é provável que o farão cada vez mais num futuro bem próximo: tempestades do dinheiro, da moral, do conhecimento, ou das engenhocas.

É que, para a instalação de um Quarto Império definitivo, era preciso que pelo menos nos endereçássemos ao Quinto, o **Império do Amém** (o AMÉM, como o chamamos). E que, por referência a este Império derradeiro, pudéssemos enfim bendizer quase tudo, ou mesmo tudo (em latim *valetudo* significa saúde) – mas sustentando ao mesmo tempo um juízo acirrado e rigoroso, para além de nossa aderência patológica e patética às nossas caríssimas (em todos os sentidos) formações sintomáticas assim tão particulares, isoladas e ociosas.

Será isto possível? É evidente que não. Ainda não, pelo menos por enquanto. Então teremos que rojar por quanto tempo neste vale de aflições culturais que – dados os recursos disponíveis – já poderiam em muito ter sido sanadas. Mas que ainda não encontraram situação adequada para um salto maior até um pleno reconhecimento de todas as nossas faces multifárias e, quem sabe, talvez igualmente válidas. Antes ainda de uma cura melhor a que fôssemos enfim aspirantes ou obrigados.